

O PROCESSO DE AMPLIAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE “MULHERES NEGRAS” NA PRODUÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE PROCESS OF EXPANDING THE CONCEPTION OF “BLACK WOMEN” IN THE PRODUCTION OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Celiomar Porfírio Ramos¹

Marinei Almeida²

RESUMO

Este artigo realiza um estudo da produção literária da escritora Conceição Evaristo, discutindo três contos: “Isaltina Campo Belo”, de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016); “Beijo na face”, presente em *Olhos d’água* (2016); e “Do lado do corpo um coração caído”, da antologia *Livre*³ (2018). O objetivo é debater acerca do processo de ampliação do conceito de “mulher negra” no fazer literário da autora, evidenciando algumas mulheres negras que não correspondem ao padrão cisheretopatriarcal branco cristão, dispensando maior atenção à mulher negra transgênero, protagonista do conto *Do lado do corpo um coração caído* (2018).

Palavras-chave: Conceição Evaristo, transgeneridade, mulheres negras, processo de ampliação.

ABSTRACT

This article conducts a study of the literary production of the writer Conceição Evaristo, discussing three short stories: “Isaltina Campo Belo”, de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016); “Beijo na face”, presente em *Olhos d’água* (2016); e “Do lado do corpo um coração caído”, da antologia *Livre* (2018). The aim is to discuss the process of expanding the concept of “black woman” in the author's literary work, highlighting some black women who do not correspond to the white Christian cisheretopatriarchal pattern, paying more attention to the transgender black woman, protagonist of the tale *Do lado do corpo um coração caído* (2018).

Keywords: Conceição Evaristo, transgender, black women, expansion process.

Introdução

¹ Doutor em Estudos Literários pela UNEMAT; Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMT; Mestrando em Sociologia (UFMT), Graduado em Letras (UFMT) e Comunicação Social (UFMT). E-mail: celiomarramos@hotmail.com

² Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo E-mail: marinei.almeida@unemat.br

³ *Livre* é uma publicação coletiva, resultado do “Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos” que ocorreu em Brasília em 2018. Os escritores/escritoras que participaram da coletânea com textos literários foram: Beatriz Leal Craveiro, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, José Luís Peixoto, Julián Fuks, Lisa Alves, Natalia Borges Polesso, Paulliny Gualberto Tort e Sheyla Smanioto.

Quando olhamos para o conjunto da produção literária de Conceição Evaristo um elemento nos chama a atenção: a ampliação da concepção de mulher em suas obras. Dada a relevância de tal elemento, pretendemos discutir sobre o tema.

O processo de ampliação resulta, por exemplo, no reconhecimento de que as mulheres, inclusive as negras, são múltiplas. Tal proposição estabelece diálogo com a assertiva da filósofa estadunidense Judith Butler (2003) que defende que se alguém “é” uma mulher isso não é tudo, pois o gênero, por não se representar de maneira coerente no que diz respeito ao contexto histórico, estabelece interlocução com outros aspectos, tais como os raciais, classistas, étnicos, sexuais e regionais. Sendo assim, “[...] se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ de interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2003, p. 21).

Esse processo de ampliação da concepção “mulher negra” evidencia-se, se olharmos com acuidade para a produção literária de Conceição Evaristo nos diferentes gêneros literários – romances, contos e poemas. A autora inclui, a partir de uma perspectiva interseccional, questionamentos relacionados à opressão de gênero, raça e exploração de classe, mas não se limita a discutir tais aspectos. Traz outros temas importantes, porém pouco discutidos e, por vezes, “esquecidos” na literatura hegemônica, dentre eles a orientação sexual e a identidade de gênero.

O processo de ampliação das mulheres negras

As mulheres negras heterossexuais cisgêneras são maioria nos contos e romances elaborados por Conceição Evaristo. Todavia, é importante ressaltar que, com o processo de ampliação da concepção de mulheres negras, aquelas que não se encaixam no perfil citado, de forma gradativa, têm sido inseridas nas escrituras evaristianas. Mencionar as personagens que são cisgêneras lésbicas é, sem sombra de dúvidas, relevante, especialmente se considerarmos o processo de apagamento deste grupo nas literaturas. No entanto, daremos especial atenção à uma mulher negra transgênera, que neste processo de apagamento é um grupo mais afetado.

Referenciar isso é importante, entre outros elementos, por trazer para o centro da discussão, a partir de um viés literário, corpos que se assumem fora do imperativo heterossexual cisgênero, compreendidos como abjetos, segundo Judith Butler (2019).

Estes são, segundo a filósofa, muitas vezes, forcluídos⁴ ou negada a sua identificação. Nos termos da autora, os abjetos são “[...] aqueles que ainda não são ‘sujeitos’ [...] O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘não-vivíveis’ e ‘inabitáveis’ da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito” (BUTLER, 2019, p. 18).

É possível pensar que aqueles “fora do padrão” da identidade de gênero e da sexualidade considerada “normal”, portanto, desviantes, podem ser/são adjetivados como abjetos, devido ao fato de não serem considerados sujeitos a partir da perspectiva da norma. Por isso, sendo “não-vivíveis” e “inabitáveis”, conseqüentemente, são invisibilizados pela história oficial e, por conseguinte, pela arte de modo geral.

Essa afirmativa se torna um tanto coerente quando pensamos a produção literária afro-feminina brasileira. Se aqueles considerados abjetos são invisibilizados socialmente, logo, eles serão invisibilizados na literatura, já que ela e a sociedade têm um estreito diálogo, segundo Antonio Candido (2010).

Embora esse apagamento sistemático exista, o movimento feminista negro aliado à literatura afro-feminina tem reconhecido, ainda que pouco a pouco, a existência dessas vozes dissonantes que foram silenciadas pelo sistema cisheteropatriarcal branco cristão. Além disso, tem se empenhado em torná-las audíveis, ao outorgar certo protagonismo àqueles que estiveram à margem da sociedade e, frequentemente, atravessados por múltiplas violências.

A partir dessas considerações, propomos discutir três contos de Conceição Evaristo presentes nas seguintes antologias: “Isaltina Campo Belo” de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016); “Beijo na face” presente em *Olhos d’água* (2016); e “Do lado do corpo um coração caído”, da antologia *Livre*⁵ (2018), evidenciando algumas⁶

⁴ Termo utilizado por Judit Butler usado na vertente da psicoterapia lacanianiana que tem como significado excluir e rechaçar, as duas ações juntas.

⁵ *Livre* é uma publicação coletiva, resultado do “Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos” que ocorreu em Brasília em 2018. Os escritores/escriptoras que participaram da coletânea com textos literários foram: Beatriz Leal Craveiro, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, José Luís Peixoto, Julián Fuks, Lisa Alves, Natalia Borges Polesso, Paulliny Gualberto Tort e Sheyla Smanioto.

⁶ É importante ressaltar que o objetivo do estudo não é realizar um mapeamento de todas as personagens que não se “encaixam” nos moldes do padrão cisheteropatriarcal branco cristão, mas selecionar algumas. Ainda que não seja o objetivo, é importante pontuar que há as seguintes personagens que não se encaixam nos moldes citados: Kimbá, protagonista do conto “Os amores de Kimbá”, presente na antologia de contos “Olhos d’água”. A personagem não é definida como gay ou bissexual, apesar disso, têm relação

mulheres negras que não correspondem ao padrão cisheretopatriarcal branco cristão. Contudo, dispensaremos maior atenção à mulher negra transgênero, protagonista do conto *Do lado do corpo um coração caído* (2018).

No que diz respeito à antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), vamos tratar especificamente do conto *Isaltina Campo Belo*. A personagem que dá nome ao texto, Isaltina, por não se identificar nos padrões da sociedade, vivencia conflitos de identidade de gênero e de orientação sexual, desde a infância. A protagonista, a partir de suas lembranças rememora na fase adulta os conflitos sexuais e de gênero que marcam toda a sua vida, por se sentir diferente: “Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia... Estavam todos enganados. Eu era um menino” (EVARISTO, 2016, p. 57-58).

O conflito de identidade de gênero se torna notório no fragmento apresentado. Isaltina Campo Belo, ao olhar para si, não se reconhece como uma mulher. Portanto, dá indícios ao leitor de que é um homem transgênero. Ao longo do enredo, o sentimento de inadequação, de estar fora do lugar acompanha a personagem.

Há, então, um conflito que marca a vida de Isaltina Campo Belo; apesar de ela ter um corpo de menina, em parte considerável da narrativa, ela carrega a certeza de que era um menino preso num corpo feminino. O desejo pelas “doces meninas” corroborava de forma significativa a hipótese da personagem. A vida da protagonista é marcada por múltiplas violências simbólicas, dentre elas, a imposição social da expressão de gênero feminina, aliada à cisgeneridade e, por fim, o reconhecimento apenas da heterossexualidade contribui para a crise de identidade da personagem.

Esse não reconhecimento de outras expressões de gênero resulta, muitas vezes, em violência simbólica. Porém, em alguns casos, não se restringe a ela. A vida de Isaltina Campo Belo é marcada no início, por exemplo, com a violência simbólica. Porém, em um processo de intensificação das violências, culmina na violência sexual, mais especificamente, num estupro coletivo e corretivo⁷, pois um dos agressores

com um homem e com uma mulher, respectivamente, Beth e Gustavo. Há, ainda, Eleonora Distinta de Sá, uma lésbica no romance “Canção para ninar menino grande” (2018).

⁷ A comissão Interamericana de Direitos Humanos (2015, p. 123), com base em Lehavot & Simpson (2013) apresenta a seguinte definição de estupro corretivo: “O ‘estupro corretivo’ foi definido como um ‘crime de ódio no qual uma pessoa é estuprada por causa de sua orientação sexual ou de gênero percebida, buscando que como consequente do estupro seja ‘corrigida’ a orientação da pessoa, ou que ‘ajam’ de maneira mais condizente com seu gênero”.

defendia que “[...] se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Apesar dos inúmeros conflitos de identidade de gênero, de orientação sexual e das violências perpetradas contra Isaltina Campo Belo, ao final da narrativa, quando encontra a professora de sua filha, Walquírea, consequência do estupro, ela se reconhece como uma mulher cisgênero lésbica; à vista disso, afirma “[...] não havia nenhum menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim” e, por fim, complementa que compreendeu que “[...] eu [Isaltina Campo Belo] podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar minha semelhante” (EVARISTO, 2016, p. 66 – 67).

O processo de ampliação da concepção de mulher negra de Conceição Evaristo permitiu que ela incluísse em sua produção personagens e temas, ainda hoje, pouco abordados na literatura brasileira, tais como identidade de gênero e orientação sexual, interseccionando tais aspectos à questão racial. Isso se torna um diferencial que deve ser observado, posto que as personagens apresentadas nos enredos não reproduzem estereótipos, ao contrário, mostram a necessidade de reconhecer as identidades dissidentes como naturais e legítimas.

Há ainda outra personagem que se distancia dos moldes da heteronormatividade, cujo nome é Salinda. Ela é protagonista do conto *Beijo na face*, presente na obra *Olhos d'água* (2016). Salinda é dona de casa, esposa, mãe e vive um relacionamento marcado por violências simbólicas, sob constante ameaça e continuamente vigiada.

Em meio a esse caos a personagem se apaixona por uma semelhante. Como afirma no enredo, ela [...] “estava aprendendo um novo amor. Um amor que vivia e se fortalecia na espera do amanhã” (EVARISTO, 2016, p. 51). É interessante pensar que, apesar das violências perpetradas pelo homem, por intermédio das vigilâncias constantes, das ameaças sofridas, da “quase prisão domiciliar”, Salinda tenta romper com o companheiro para viver o novo relacionamento: um amor lesboafetivo. Porém, inicialmente sem sucesso, visto que havia elementos que a impedia de deixá-lo, dentre

eles, as constantes ameaças e, não menos importante, todo um sistema que aqui denominamos modernos aparatos coloniais⁸.

Embora a violência simbólica e os modernos aparatos coloniais circundem a vida da personagem, merece destaque, nesse contexto, a insubordinação de Salinda diante das opressões. Isso se mostra, sobretudo, quando ela, apesar de ter consciência de todos os riscos que enfrenta, decide viver o amor, mesmo em segredo.

Esse ato faz com que a personagem rompa com o lugar outorgado às mulheres negras pela sociedade cisheteropatriarcal branca cristã: de submissão, de resignação e de objeto de prazer do homem, principalmente, do homem branco. Após o marido descobrir o amor de Salinda por outra mulher ele a ameaça:

Disse ainda que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos. Ah, queria!... *Salinda recebeu o golpe com a cabeça erguida. Sua voz não podia demonstrar nenhum temor* (EVARISTO, 2016, p. 57 – grifos nossos).

O rompimento do lugar conferido sócio-historicamente à mulher negra se materializa no texto literário, quando Salinda, mesmo consciente dos riscos, enfrenta a situação e declara receber o golpe com a cabeça erguida. Essa atitude demonstra que a personagem, embora esteja abalada, não cede às ameaças e tentativas de subjugação, portanto, prepara-se para a guerra anunciada. Ela se posiciona disposta a (re)afirmar “[...] a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de *dreads* a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade” (EVARISTO, 2016, p. 57).

Outro exemplo da ampliação da concepção de mulher negra em Conceição Evaristo é a inclusão de uma mulher transgênera negra no rol das personagens de sua escrita. Tal aspecto se torna importante, ao passo que valida a existência de outras formas de identidade de gênero, rompendo, então, com o pensamento arcaico e conservador da sociedade cisheteronormativa branca cristã.

Quando Conceição Evaristo realiza tal ação em sua escrita, há a ampliação máxima da noção de mulher e, ousamos dizer, a mais importante, extrapolando os

⁸ Termo utilizado por Carla Akotirene em *Interseccionalidade* (2019) para se referir ao gênero, raça e classe como sistemas de opressão.

“limites” impostos por parte da sociedade que defende e reconhece a cisgeneridade como única identidade de gênero possível. Este ato corrobora a desconstrução do termo “mulher”. Vale ressaltar, que desconstrução aqui é pensado não como uma negativa ou descarte do termo, mas um processo de “[...] abrir um termo, [...] a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas” (BUTLER, 1998, p. 24).

O conto *Do lado do corpo, um coração caído*, protagonizado por uma mulher negra transgênero se inicia com o relato de que há um “[...] corpo-mulher [...] embocado no chão” (2018, p. 33). Essa personagem que não é nomeada, assim como Isaltina Campo Belo e Salinda, contribui para a desconstrução da concepção hegemônica de mulher. Nos contos anteriormente analisados, a autora abordou, sobremaneira, acerca da sexualidade, ou seja, as formas de expressar os desejos, apesar de ter mencionado aspectos da identidade de gênero em *Isaltina Campo Belo*. No conto *Do lado do corpo, o coração caído*, Conceição Evaristo traz para o centro da discussão questões relacionadas à identidade de gênero.

Vale ressaltar que, reiteradas vezes, é mencionado no início desse conto o termo “mulher”, conforme é possível observar: um “corpo-mulher”; “o sangue que ainda vivo escorria por baixo do rosto da *mulher*”; “havia um corpo de *mulher* estendido”. Previamente, leva-nos a acreditar que essa repetição do termo se dá com o intuito de demonstrar, apenas, o feminicídio, um crime que todos que rodeavam o corpo-mulher que estava estirado no chão questionavam quem era o algoz. No entanto, quando olhamos com mais atenção para a personagem somos direcionados a crer que a narradora, ao repetir o termo em questão, busca, além de ressaltar o crime, (re)afirmar a identidade da personagem. Essa assertiva se torna contundente à medida que, no decorrer do enredo, algumas informações vão sendo apresentadas.

A morte é o ponto de partida para tratar sobre a “quase vida” da personagem. Toda a história, num diálogo entre o passado e o presente, é narrada por uma senhora, viúva há três anos que observa a movimentação da rua do quinto andar de seu apartamento. Apesar de inaugurar o conto com o corpo-mulher estendido na rua, a viúva, ao se deparar com a cena lembra-se de seu falecido esposo, Josué Pai, e de seu

descendente, Josué Filho, fruto de seu casamento. As histórias estão interligadas, por isso, esse diálogo se faz necessário.

A narradora ao apresentar o filho, informa que Josué Filho não se encaixa nos moldes da sociedade cisheteropatriarcal, branca e cristã desde a infância:

Nosso menino, Josué Filho, parecia não ser bem um menino, desde pequeno. Quando lhe era dado carrinhos, ele brincava por poucos instantes, mas seu interesse maior era pelas bonecas das primas. Ao menor descuido de minha parte, pegava o meu estojo de maquiagem e se punha a pintar o rosto. No jardim de infância sempre se colocava na fila das meninas e um dia, aos sete anos, me perguntou o porquê do nome dele ser de menino. E quando eu lhe expliquei que era porque ele era um menino, Josué chorou, gritou e afirmou veementemente que ele era uma menina (EVARISTO, 2018, p. 35).

Os pontos elencados pela mãe narradora merecem, sem dúvidas, especial atenção, por ela relatar a inadequação de seu filho perante as imposições da sociedade, ao não reconhecer outras identidades de gênero, além da cisgeneridade.

Naquele contexto, ainda na infância, segundo a mãe narradora, ela compreendeu que, embora Josué Filho possuísse o órgão genital masculino, ele era uma menina: “[...] ele não era, ou melhor, nunca tinha sido o menino que eu parira e que o pai acreditava ser. Entendi que, apesar do piupiuzinho que ele trazia entre as pernas, Josué, nosso filho, era nossa filha. Josué era uma menina” (EVARISTO, 2018, p. 35).

O reconhecimento da mãe sobre Josué Filho é relevante, pois demonstra o processo de aceitação e, sobretudo, de constatação de que sexo biológico não está relacionado à identidade de gênero. Portanto, Josué Filho é, na realidade, uma mulher transgênera⁹, em outros termos, embora tenha sido designada em seu nascimento como homem, como menino, por nascer com o órgão genital masculino, ele se identifica com o gênero oposto.

Enquanto a mãe narradora reconhece o filho como filha, uma menina, Josué Pai se nega a aceitar essa ideia, pois acredita que o sexo anatômico está sempre em consonância com a expressão de gênero. Portanto, recusa qualquer expressão de gênero que apresente dissonância aos padrões impostos pela norma. Tal assertiva se consolida

⁹ Vale ressaltar que utilizamos o termo “transgênero”, considerando as observações de Isabel Wittmann (2019), por ele ser, como definiu a pesquisadora “um termo guarda-chuva, ou seja, um termo que engloba diversas identidades relacionadas a experiências de não-cisgeneridade, levando em conta que cada experiência ou trânsito tem sua particularidade” (WITTIMANN, 2019, p. 88).

quando a mãe narradora informa que Josué Pai ao ouvir Josué Filho relatar ser uma menina, toma a seguinte atitude:

O pai pegou o menino, arriou a calça dele e no mesmo instante abriu a própria braguilha. E num gesto também desesperado, quase esfregando as suas partes íntimas no rosto do filho, afirmava em altos brados, que os dois eram iguais, que ele era um menino. Bastava ele tocar as suas próprias partes para perceber que ele tinha entre as pernas, era algo que as mulheres não tinham. E a partir daquele momento a vida da criança se tornou um inferno (EVARISTO, 2018, p. 35 - 36).

Josué Pai, ao tomar essa atitude violenta, expressa não só seu posicionamento no que diz respeito à sexualidade do filho. Além disso, ele representa parte considerável da sociedade que se constitui a partir da égide cisheteropatriarcal branca cristã que insiste, ainda hoje, em negar com afincado a existência de algo incontestável: as múltiplas identidades de gênero.

Essa parte da sociedade defende a concepção de que a sexualidade é algo que homens e mulheres possuem “naturalmente”; que a nossa identidade de gênero está fundada somente na cisgeneridade, portanto, impera a presunção de que “[...] todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma” (LOURO, 2000, p. 8). Todavia, conforme é possível perceber, por meio das ações de Josué Filho, sexo biológico é um elemento que não está ligado a identidade de gênero e, nem muito menos, a orientação sexual.

A não aceitação da filha resulta, como a narradora menciona, numa tormenta constante na vida da criança. Dentre as ações que caracterizam o inferno instaurado, podemos enumerar: a matrícula numa escola só para meninos; a educação que passou a ser responsabilidade exclusiva do pai; a obrigatoriedade de realizar atividades “de menino”, tais como futebol, soltar pipas e ir ao hipódromo. O ápice de todas as violências sofridas, nomeado pela narradora como “a última violência”, deu-se quando Josué Pai contrata uma garota de programa, Aurora, para Josué Filho “[...] experimentar como era gostoso ser homem” (EVARISTO, 2018, p. 36).

Josué Filho sendo, portanto, uma mulher transgênero heterossexual não esboçou nenhum desejo por Aurora. Em vista disso, antes vítima apenas das violências simbólicas perpetradas pelo pai, agora, por não corresponder mais uma vez às

expectativas do genitor, não reagindo perante uma mulher que está, naquele contexto, para servi-lo sexualmente, Josué Filho é vítima de agressões físicas:

O desejo de Josué [Filho] não reagiu. Nele só a dor, o desamparo, a falta de lugar no mundo macho do pai. E ali diante da moça o pai lhe agrediu mais ainda. ‘Comeu-lhe na porrada’, essas foram as palavras da moça. Ela temerosa fugiu quando percebeu que o menino, ou melhor, a minha menina, chorava sangue de seu olho esquerdo machucado (EVARISTO, 2018, p. 37).

A não aceitação de Josué Filho e as violências que marcaram seu corpo, por consequência, sua vida, por “falta de lugar no mundo macho do pai”, personificação da sociedade, resulta na fuga de casa. É necessário mencionar que Josué Pai corresponde, desse modo, a um arquétipo dessa sociedade que não aceita aqueles que não estão em conformidade com a norma por ela imposta. Ademais, age de forma violenta contra os corpos considerados dissidentes, às vezes, iniciando com o emprego da violência simbólica e, posteriormente, essa violência vai tomando proporções maiores, culminando, conforme é possível observar na narrativa, em outras violências, como por exemplo, a físicas.

Após tomar conhecimento da morte de Josué Pai, a menina escreve à mãe informando que irá voltar para o reencontro. Além disso, adverte haver (trans)formado seu corpo em outro corpo. A mãe narradora, como resposta, informa à filha que ela era a única dona de seu corpo. O comentário da mãe, nesse contexto, apresenta-se, como um elemento que merece especial atenção, sobretudo, quando ela aceita a filha com seu corpo readequado à sua identidade de gênero, reconhecendo que esse corpo pertence, apenas, à filha. O discurso da narradora mãe é, então, subversivo, pois corrobora a destituição do pensamento social vigente de que os filhos e a esposa, num processo de reificação, pertencem ao homem.

A narradora mãe, após percorrer o passado, volta-se para o presente, para o corpo-mulher estendido sem vida no asfalto. Ela ao observar com um olhar mais atento aquele corpo de uma mulher que, aparentemente, era vaidosa, decide que precisa ir ver mais de perto. Ao se aproximar, ouve “[...] alguém me sussurrar ao lado que foi um crime de homofobia” (EVARISTO, 2018, p. 38). Após chegar mais próximo do corpo-mulher emborcado no chão reconhece a bolsa que havia dado à filha e, com isso, conclui que a vítima da violência é, na realidade, a filha que estava esperando.

Embora no enredo o crime seja caracterizado pelas pessoas como homofobia, estamos lidando com um crime que é resultado de transfobia¹⁰, ou seja, trata-se de um transfeminicídio. Berenice Bento afirma que os assassinatos de pessoas transgêneros, geralmente, são contabilizados como violências contra os LGBTTT¹¹. Todavia, a pesquisadora recomenda que o termo que deve ser usado é transfeminicídio, visto que se trata de “[...] nomear os assassinatos cometidos contra a população trans (...), reforçando que a motivação da violência advém do gênero” (BENTO, 2014, p.1).

A menina não nomeada ao longo do enredo, por ser calada, em virtude da violência intrafamiliar e, posteriormente, extrafamiliar, leva-nos à compreensão de que Josué Filho sofreu não só por “[...] falta de lugar no mundo macho do pai” (EVARISTO, 2018, p. 37), mas por falta de lugar na sociedade que, ainda hoje, insiste em não reconhecer esses corpos tidos como abjetos e, frequentemente, condena-os à margem da sociedade, isso quando não os extermina, como se não tivessem direito à vida.

Tais reflexões se tornam coerentes quando a narradora vai ao encontro do corpo-mulher da filha, já sem vida, estirado no chão e questiona quem é responsável pelo crime:

Conheço esse corpo, saiu de mim. Planto-me aqui, eu sentinela de um corpo assassinado que não consegui guardar. Essa é minha menina. Tenho dor. Meu peito explode. Algo me fere o peito. *Quem matou minha menina? O pai? Eu? Vocês? Quem matou minha menina? Quem matou minha menina?* (EVARISTO, 2018, p. 39 – grifos nossos).

A narradora mãe ao reconhecer o corpo-mulher da filha assassinado e, em seguida, apresentar o questionamento “quem matou minha menina?”, inquirindo “O pai? Eu? Vocês”, leva-nos ao entendimento de que a sociedade como um todo, por legitimar apenas um sistema, cooperou para a morte da filha.

¹⁰ A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus em seu texto *Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio* define o termo transfobia como: “preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido a educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis denominada ‘transfobia’” (JESUS, 2013, p. 105 – 106).

¹¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Corpos que não importam, como o da filha da narradora-mãe, são vítimas constantes, sobretudo, no Brasil, posto que, segundo dossiê apresentado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – (ANTRA) (2021), o Brasil ocupou, em 2020, o primeiro lugar no *ranking* de assassinatos de pessoas trans no mundo. Além disso, o dossiê informou que a expectativa média de vida de uma pessoa trans é de, apenas, 35 anos (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021).

Dado o enredo construído por Conceição Evaristo e as reflexões suscitadas por ele; as observações feitas pela mãe-narradora; os dados apresentados pela ANTRA, podemos compreender que: (1) o processo de ampliação da concepção de mulher negra de Conceição Evaristo tornou sua escrita sensível, embora marcada pelo brutalismo poético, por trazer para o centro da narrativa um corpo que ~~não~~¹² importa: uma mulher trans negra que a sociedade insiste com afinco em não reconhecer como mulher. Todavia, nesse contexto, a autora (re)afirma e reconhece tal identidade; (2) As observações feitas pela narradora mãe nos permitem perceber que os modernos aparatos coloniais – racismo, sexismo, machismo, cisheteronormatividade, etc. – contribuem de forma significativa para a sujeição das mulheres, independente de elas serem cisgênero ou trans. Todavia, faz-se necessário ressaltar que as mulheres trans são atravessadas por violências outras que o corpo feminino cisgênero não vivencia; (3) por meio dos dados do relatório apresentado pela ANTRA é possível perceber que literatura e sociedade estabelecem íntimo diálogo, embora a literatura pouco tenha abordado sobre as violências que atravessam os corpos tidos como abjetos.

Considerações finais

Dito isso, observamos que o processo de ampliação da concepção de mulher negra de Conceição Evaristo se torna um tanto inovador, quando a autora coloca a mulher negra cisgênera como protagonista, enquanto a literatura hegemônica atribui papéis secundários, muitas vezes, marcados por estereótipos. Porém, quando a ela aborda de forma sensível mulheres negras cisgêneras lésbicas e uma mulher transgênera, suas vivências, as violências e a inadequação num contexto cisheteropatriarcal branco cristão, sem elas serem marcadas por estereótipos, podemos

¹² Alertamos ao leitor que isso é usado de forma proposital.

compreender que a visibilidade (inter)nacional da autora não é um mero acaso. É o resultado de um trabalho cada vez mais maduro e consistente de uma mulher negra insubmissa diante da sociedade em questão e comprometida com suas semelhantes, independente da identidade de gênero, da condição sexual e da expressão de gênero.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. *Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BENTO, Berenice. *Brasil: país do transfeminicídio*. Centro Latino-americano em sexualidade e direitos humanos (CLAM), 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: Crocodilo, 2019.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 11ª Ed. 2010.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História agora*, v. 16, p. 101-123, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Do lado do corpo, um coração caído. *In*: CRAVEIRO, Beatriz Leal (Org.). *Livre*. Belo Horizonte, Moinhos, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. São Paulo: Unipalmars, 2018.

RAMOS, Celiomar Porfírio. *As múltiplas faces das mulheres negras: um olhar interseccional sobre as escrituras de Conceição Evaristo*. (Tese Doutorado em Estudos Literários). Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, 2022.

RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva. As violências sexuais: o estupro como uma dor recorrente nas escrituras de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos da Linguagem - Falange Miúda*, v. 6, p. 118-132, 2021.

RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. A lesbianidade negra em Conceição Evaristo: Isaltina Campo Belo. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, p. 34-49, 2021.

WITTMANN, Isabel. O “Corpo Nasce de uma Identidade”: Reflexões sobre a construção do corpo em experiências transgênero. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 28, n. 2, p. 86-107, 2019.

Recebido em 04/05/2023

Aceito em 15/07/2023